



PRODUTORES PIONEIROS DE DENDEZEIROS “CAFUZOS”: UMA SOLUÇÃO PARA O AMARELECIMENTO FATAL?

Alfredo Kingo Oyama Homma

Agrônomo, Doutorado em Economia Rural, Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, e-mail: alfredo.homma@embrapa.br, Belém, PA.

Antônio José Elias Amorim de Menezes

Agrônomo, Doutorado em Sistema de Produção, Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, e-mail: antonio.menezes@embrapa.br, Belém, PA.

Jair Carvalho dos Santos

Agrônomo, Doutorado em Economia Aplicada, Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental, e-mail: jair.santos@embrapa.br, Belém, PA.

Grimoaldo Bandeira de Matos

Sociólogo, Mestrado em Agriculturas Familiares Amazônicas, Assistente da Embrapa Amazônia Oriental, e-mail: grimoaldo.matos@embrapa.br

GRUPO 1: POLÍTICA AGRÍCOLA E/OU FLORESTAL NA AMAZÔNIA

RESUMO: Levantamento socioeconômico realizado entre 17 produtores comerciais de dendezeiros híbridos interespecíficos entre *Elaies oleifera* e *Elaeis guineensis* (HIE OxG) no nordeste paraense, que são pioneiros no país. Estes plantios estão localizados em antigas áreas de *Elaeis guineensis* que foram dizimados pelo Amarelecimento Fatal, demonstrando a viabilidade destes cultivos, desde que sejam efetuados a polinização assistida e os tratamentos culturais apropriados, sobretudo da adubação. Os produtores entrevistados não têm no cultivo do HIE OxG a sua fonte principal de renda, mas do conjunto de outras atividades como hortaliças, avicultura, fruticultura, floricultura, promovendo o aproveitamento da área e dos equipamentos disponíveis.

Palavras-chave: Dendezeiro híbrido, Amazônia, *Elaies oleifera*

1. INTRODUÇÃO

Os produtores associados a Denpasa foram pioneiros no país no plantio comercial de dendezeiros híbridos interespecíficos (HIE) resultantes do cruzamento do dendezeiro africano (*Elaeis guineensis*) com o dendezeiro nativo da Amazônia (*Elaies oleifera*) (caiaué), resultando no híbrido batizado de dendezeiro “cafuzo”.

Este HIE revelou-se em uma solução para os plantios pioneiros de dendezeiros africanos da Denpasa que foi severamente atacada pelo Amarelecimento Fatal, iniciado em 1974. Este plantio implantado pela SUDAM, a partir de 1968, mostrou o espírito de visão da Clara Martins Pandolfo (1912–2009), em criar um polo oleífero no Estado do Pará, tendo o dendezeiro como planta eixo.

No final da década de 1940 e início da década de 1950, o pesquisador do Instituto Agrônomo do Norte (IAN), George O’Neill Addison (1916–1967), iria protagonizar uma importante conquista científica cujos resultados só iriam tornar úteis três décadas depois (ADDISON & PIRES, 1957; PIRES, 1953).

Com equipamentos e conhecimentos precários para a época, Addison efetuou o primeiro cruzamento entre o caiaué e o dendezeiro africano, iniciado em 1949, e efetuou o plantio desses híbridos na sede do IAN. Para conseguir esse intento, utilizou palmeiras de caiaué existentes no Museu Paraense Emílio Goeldi e o pólen de dendezeiro africano do Campo Agrícola Lira Castro, situado no km 18 da antiga Estrada de Ferro de Bragança.



O HIE preconizado por Addison destinava-se o seu plantio em áreas de várzeas, considerada a fronteira agrícola naquela época, antes da abertura da rodovia Belém Brasília, em 1960. Com o aparecimento do Amarelecimento Fatal, o HIE revelou a sua importância como sendo resistente a esta ameaça, nas áreas devastadas por esta moléstia (HOMMA, 2016a; HOMMA, 2016b).

Como qualquer atividade pioneira os produtores estão sujeitos a riscos e incertezas, nos quais os processos de erros e acertos estão presentes em qualquer sistema de produção. Este texto tenta retratar as práticas tecnológicas aperfeiçoadas por estes produtores e que estão sendo repassados para os novos plantios.

A resistência ao Amarelecimento Fatal, produção de óleo diferenciado e menor crescimento em altura, entre outras características favoráveis compensam as limitações impostas pela polinização assistida. Isto torna este HIE como opção que deve ser considerada nas propostas de desenvolvimento agrícola na região.

O aparecimento do Amarelecimento Fatal (AF) em 1974 em 25 dendezeiros da Denpasa, passou a constituir em ameaça de extrema gravidade para os produtores, a partir de 1984, que se alastrou de forma gradativa para 16% das palmeiras plantadas em 1987 (46 mil palmeiras) e mais de 57 mil palmeiras em 1990. Na Denpasa foram totalizados mais de 100.000 dendezeiros sucumbidos pelo AF entre 1974 e 1991. Em 1986, iniciaram-se pesquisas executadas pela Associação dos Produtores de Dendê do Pará e Amapá (APRODEN) e a Embrapa, com o objetivo de identificar o agente ou fator causal e soluções para o problema. Essa perda se evidenciou nos dendezeiros dos produtores japoneses e seus descendentes, grande parte financiados, implicando em perdas totais.

Atualmente a área plantada com dendezeiros híbridos é da ordem de 10 mil hectares, representando 5% do total da área plantada de dendezeiros no país. Para as áreas afetadas com o Amarelecimento Fatal representa, no momento, em uma alternativa apropriada. As importações anuais de mais de 426 mil toneladas de óleo de dendê e de palmiste que superam 405 milhões de dólares indicam as oportunidades da cultura do dendezeiro no contexto de uma política de substituição de importações (BENTES & HOMMA, 2016). Seria possível duplicar a atual área plantada de dendezeiros no Estado do Pará, gerando alternativas econômicas para as áreas degradadas.

2. PROCESSO EMPÍRICOS OU METODOLOGIA

Utilizou-se uma amostra intencional com base nos agricultores integrados a Denpasa, após contatos realizados, em face da disponibilidade de tempo. Um técnico da Denpasa acompanhou a equipe para auxiliar na localização e para esclarecimentos de dúvidas. De um universo de 27 produtores integrados foram entrevistados 17 produtores no período de 30 de maio a 31 de julho de 2014, localizados nos municípios de Santa Izabel do Pará, Santo Antônio do Tauá, Castanhal, São Caetano de Odivelas, São Domingos do Capim e Abaetetuba (HOMMA et al, 2016).

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

A idade dos proprietários denota que 58,82% estão na faixa de 61 a 70 anos, considerado muito alta, indicando serem produtores bastante antigos. Todos os produtores foram grandes plantadores de pimenta até a década de 1970, quando foram dizimados pelo *Fusarium*. Pelo fato de estarem residindo próximo a cidade de Belém, poucas pessoas saíram a procura de outras regiões. Conseguiram restabelecer a renda da propriedade com a avicultura, verduras, melão, maracujá, mamão, dendezeiro, floricultura, entre outros. Muitas destas atividades foram suprimidas devido a dinâmica do mercado como ocorreu com o mamão e o melão e, no caso do dendezeiro, como o AF e da segurança patrimonial.



Entre as vantagens que estes produtores associam ao plantio de HIE OxG podem ser destacados a menor incidência de pragas e doenças que afetaram os antigos plantios de dendê e da ausência de roubo que ocorre com a fruticultura (Tabela 4). Face a insegurança pessoal e patrimonial, decorrente de assaltos, furtos, etc. dois produtores afirmaram possuir vigilância eletrônica, nove produtores terem cães de guarda, dois produtores terem vigilantes e três produtores efetuarem pagamento para policiais para garantirem a segurança. Isto segundo os produtores acarretam despesas que podem chegar a R\$ 5.000,00/mês.

O custo da polinização assistida pode chegar a 20% do custo de cacho fresco do híbrido interespecífico. Este custo representa o valor do serviço de polinização se fosse efetuada pelos agentes naturais (abelhas, besouros, ventos, etc.). A busca de cultivares com alta polinização natural e resistência ao AF, constitui o grande desafio para o cultivo do dendezeiro (SANTOS et al., 2016).

Entre as desvantagens do cultivo do HIE OxG, destaca-se a necessidade de polinização assistida que requer mão de obra especializada, a frequência nas tarefas com consequente elevação no custo de produção (HOMMA et al, 2016.).

Entre os entrevistados, 64,70% estavam medianamente satisfeito a muito satisfeito com o cultivo do HIE OxG. A satisfação decorre principalmente pelo fato do produto não ser alvo de roubo e por ser um cultivo perene.

Área plantada com HIE OxG dos entrevistados totaliza 1.132,10 hectares com uma área média de 66,59 hectares, variando de 5,00 a 212,60 hectares. Entre os produtores integrados a Denpasa, existe a disponibilidade de 2.266,20 hectares para expansão. Por ser uma área consolidada com exploração econômica para atividades agrícolas anterior a 22 de julho de 2008, os produtores acreditam que podem utilizar as áreas já desmatadas no passado para o dendezeiro, atendendo as normas do Novo Código Florestal (Lei 12.651, 25/05/2012).

Em relação aos planos para o futuro, mais da metade afirmaram a intenção de continuar na atividade por muito tempo e até onde compensar. Uma vasta extensão de pequenas propriedades agrícolas situadas no entorno da Denpasa e Dentauá, no quadrilátero limitado por Santa Izabel do Pará, Castanhal, Terra Alta e Santo Antônio do Tauá, se caracterizam pela pobreza rural e com solos de baixa fertilidade no qual o plantio de dendezeiros híbridos interespecíficos poderia constituir em uma alternativa para gerar renda e emprego.

4. CONCLUSÕES

Os produtores entrevistados apresentam uma produtividade heterogênea no cultivo do HIE OxG decorrente da ausência ou reduzida adubação e da não utilização da prática da polinização ou sendo efetuada de forma inadequada. Dos produtores entrevistados, 70,58% afirmavam aplicar fertilizante em pequena quantidade e de forma irregular. São todos agricultores com grande experiência, bem organizados, alguns residem desde a década de 1950 cujos pais vieram como imigrantes do pós-guerra e com conhecimento do mercado.

A prática da polinização assistida requer qualidade do serviço e disciplina, sem o qual a produção de frutos ficará prejudicada. Dessa forma, a expansão do cultivo do HIE OxG deve ser cautelosa, principalmente com agricultores de baixo domínio tecnológico.

Discute-se muito sobre a repartição de benefícios da biodiversidade amazônica, para as populações tradicionais, quilombolas e ribeirinhos, conforme a Lei 13.123, 20/05/2015, que substituiu a Medida Provisória 2.186/16 (23/08/2001). Pelo fato do HIE OxG ser um cruzamento de uma planta nativa com uma exótica, constitui um exemplo, quanto a dificuldade da atual legislação, promover a repartição de benefícios de plantas que não apresentam uso atual.

Os produtores entrevistados não têm no cultivo do HIE OxG a sua fonte principal de



renda, mas do conjunto de outras atividades como hortaliças, avicultura, fruticultura, floricultura, promovendo o aproveitamento da área e dos equipamentos disponíveis.

REFERENCIAS

- ADDISON, G. O.; PIRES, J. M. Considerações relativas à sistemática de algumas plantas úteis. **Norte Agrônomico**, v. 3, n. 3, p. 21-26, jul. 1957. (Boletim de pesquisa e desenvolvimento / Embrapa Amazônia Oriental; 101).
- BENTES, E.S.; HOMMA, A.K.O. **Importação e exportação de óleo e palmiste de dendezeiro no Brasil (2010–2015)**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2016. 34 p. (Boletim de pesquisa e desenvolvimento / Embrapa Amazônia Oriental; 421).
- HOMMA, A. K. O. **Histórico do desenvolvimento de híbridos interespecíficos entre caiaué e dendezeiro**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2016a. 34 p. (Documentos / Embrapa Amazônia Oriental, 421).
- HOMMA, A.K.O. **Cronologia do cultivo do dendezeiro na Amazônia**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2016b. 48p. (Documentos. Embrapa Amazônia Oriental, 423).
- HOMMA, A.K.O. MENEZES, A.J.E.A.; SANTOS, J.C. GOMES JÚNIOR, R.A.; SILVA, R.P.; MONTEIRO, K.F.G.; SENA, A.L. dos S. **Produtores Comerciais de Dendezeiros Híbridos Interespecíficos (HIE – *Oleifera X Guineensis*) Integrados à Denpasa, no Nordeste Paraense**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2016. 38 p. (Boletim de pesquisa e desenvolvimento /Embrapa Amazônia Oriental, 100).
- PIRES, J. M. Algumas palmeiras oleaginosas. **Norte Agrônomico**, v. 1, n. 1, p. 21-33, nov. 1953.
- SANTOS, J.C.; HOMMA, A.K.O.; GOMES JÚNIOR, R.A.; SENA, A.L. dos S.; MENEZES, A.J.E.A.; MONTEIRO, K.F.G.; SILVA, R.P. **Avaliação do Desempenho Econômico e do Potencial de Geração de Renda da Estrutura Produtiva de Pequena Escala de Dendezeiro Híbrido Interespecífico na Mesorregião Metropolitana de Belém, Pará**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2016. 37p. (Boletim de pesquisa e desenvolvimento /Embrapa Amazônia Oriental, 101).